Radiação de celulares em discussão

Alerta da OMS abre debate sobre segurança da tecnologia; pesquisadora recomenda precaução

"Cinco bilhões de celulares no mundo é a maior experiência biológica já feita na humanidade", diz o professor Leif Salford, presidente do departamento de neurocirurgia da Universidade de Lund, na Suécia. Ele estuda há décadas os efeitos da radiação eletromagnética no corpo humano e se preocupa com o fato de o mundo usar cada vez mais tecnologias baseadas em ondas eletromagnéticas - rádio, TV, celulares, Wi-Fi - sem saber que efeitos podem ter na saúde.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) alertou que as ondas eletromagnéticas podem causar câncer. O anúncio da Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer (Iarc), braço da entidade, classificou a radiação emitida pela antena do celular como "possivelmente cancerígena para humanos", mesmo grupo de perigo em que gases de automóveis, chumbo e clorofórmio estão incluídos.

ANDRÉ PORSTATI

A pesquisadora Adilza relacionou mortes por câncer à proximidade de antenas de celular

O estudo que motivou o anúncio relaciona o uso do celular ao aumento de tumores malignos e benignos no cérebro. Quem usou o aparelho por 30 minutos por dia, durante 10 anos, apresentou 40% mais chances de desenvolver gliomas, tumor encefálico maligno e muito perigoso. Ainda não há caso de câncer comprovadamente causado por celular e faltam estudos epidemiológicos para comprovar a ligação da doença com o aparelho.

Para Adilza Condessa Dode, doutora em engenharia elétrica pela UFMG, a classificação "possivelmente cancerígena" já basta para a adoção do chamado Princípio da Precaução: se ainda não há certeza sobre danos que uma tecnologia causa à saúde, é melhor adotar medidas restritivas que esperar até que aconteça o pior.

Em sua tese de doutorado, defendida no ano passado, Adilza relacionou as mortes por câncer em Belo Horizonte, entre 1996 e 2006, com a proximidade da residência dos doentes a antenas de telefonia móvel: 93% dos casos das mortes ocorreram a até 500 metros de alguma antena. Foram analisados só casos já relacionados à ação da radiação, como de mama, pele, próstata, pulmão e fígado. Adilza alerta que são dois o problema do celular: a alta radiação emitida quando se faz ligações e o longo tempo de exposição a campos eletromagnéticos mais fracos de celulares, radares, rádios e TVs. (*Agência Estado*)

Fone minimiza efeitos

A epidemiologista americana Devra Davis, criadora do grupo Environmental Health Trust, que passou quatro anos estudando a relação da radiação do celular com o câncer cerebral, é enfática: "Acredito que os celulares realmente causam câncer. Se esperarmos pela prova absoluta para agirmos, estarei morta e o mundo, enfrentando epidemia global. Temos três ou quatro anos para agir e alertar as pessoas".

Para Adilza Dode, da UFMG, não é preciso esperar mais: "A saúde pública já foi afetada e já estamos vivendo uma pandemia de câncer há pelo menos dois anos. O aumento de exposição aos campos magnéticos foi a grande mudança ambiental desde então".

O neurocirurgião Paulo Issamu Sanematsu, do Hospital do Câncer, em São Paulo, discorda. Segundo ele, não há provas conclusivas que relacionem radiação e câncer.

Segundo Devra Davis, o problema é a distância - entre o celular e o cérebro do usuário e entre as antenas e os locais onde as pessoas passam grande parte do dia. Afastando os emissores das pessoas, o perigo diminuiria. Om Gandhi, da Universidade de Utah, estuda a relação entre a força do campo elétrico e a distância entre a fonte e o receptor. A cada centímetro que o celular é afastado da cabeça, a absorção de radiação diminui entre 10% e 12%. Usando um fone de ouvido ou o viva-voz, o risco de doenças relacionadas ao campo magnético cai para patamares mínimos.